

Vozes, margens, resistência¹

Pedro Eiras²

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

eiras_pedro@yahoo.com

Resumo. Nos últimos doze anos, países como Portugal, Espanha, Itália, Grécia, Irlanda e Chipre atravessaram uma crise económica de graves consequências sociais e políticas: desemprego, emigração, a ameaça persistente de um colapso financeiro. Este estudo pretende observar como algumas jovens poetisas portuguesas – com cerca de trinta ou quarenta anos – respondem a este contexto de crise, ora sentindo-se excluídas de um mundo regido pelas leis inflexíveis do mercado, ora resistindo a essa exclusão e à contínua precariedade através de uma poderosa ironia. Assim, perante a lógica fatalista da austeridade, cada poetisa reinventa a cada instante a sua identidade, a sua presença ativa no universo social, a sua linguagem própria, uma resistência por vezes solitária mas sempre defendida pela insubordinação aos discursos dominantes.

Palavras-chave: poesia, crise, austeridade, resistência, margem.

¹ Conferência plenária da 1.^a edição das «Vozes nas Margens».

² Professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Porto, Investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Membro da Rede Internacional de Pesquisa LyraCompoetics. Desde 2005, publicou diversos livros de ensaios sobre literatura portuguesa dos séculos XX e XXI, estudos interartísticos, questões de ética, a representação e o imaginário do fim do mundo. Entre os mais recentes: *O Riso de Momo – Ensaio sobre Pedro Proença* (2018), [...] – *Ensaio sobre os mestres* (2017), *Constelações 2 – Estudos Comparatistas* (2016), *Platão no Rolls-Royce – Ensaio sobre literatura e técnica* (2015).

Abstract. In the last twelve years, countries such as Portugal, Spain, Italy, Greece, Ireland and Cyprus went through an economic crisis with deep social and political consequences: unemployment, emigration, the persistent threat of a financial collapse. This study aims to analyze how some young Portuguese women poets – in their thirties or forties – answer to this context of crisis, either feeling excluded from a world controlled by the strict rules of the market, or resisting to that exclusion and to the continuous precarity through a powerful irony. Thus, facing the fatalist logic of austerity, each poet reinvents all the time their identity, their active presence in society, their own language, a resistance sometimes solitary but always protected against dominant speeches.

Keywords: poetry, crisis, austerity, resistance, margin.

Para falar de vozes, margens, resistência, começarei por citar alguns versos de quatro jovens poetisas, em livros muito recentes. De Susana Araújo, esta quadra de *Dívida Soberana*: “Era e sou menor / sempre por repetir, / sei que não sirvo para nada, / nem reservei a entrada” (2012: 28). De Margarida Vale de Gato, estas palavras de *Lançamento*: “sirvo mal, sou outra, fora / do baralho” (2016: s/p). De Raquel Nobre Guerra, o primeiro verso em *Senhor Roubado*: “O fim do mundo começa sempre no café do bairro” (2016: s/p). E de Golgona Anghel, do livro *Como uma Flor de Plástico na Montra de um Talho*: “Por uma questão de hábito, entende-se, / ou talvez seja o feitio, / teremos sempre o olhar triste, / os pés descalços, / a mão estendida. / Deixem-nos, ao menos, / vender-vos uma boa história” (2013: 59).

De modos diferentes, estes poemas – e seria preciso citar tantos outros – descrevem o sujeito na margem de um mundo: geográfico, económico, político, cultural. Em todos eles, a voz que enuncia define-se por via negativa: pela não-pertença, pela não-utilidade, por uma precariedade que aposta apenas na sobrevivência de cada instante, sem projetos a longo prazo. Partirei desta constatação: o sujeito destes poemas define-se pela sensação de se encontrar à margem do mundo, exposto a uma existência ameaçada.

Alguns destes livros referem explicitamente a grave crise económica que, a partir de 2008, atingiu com violência países como a Grécia, Portugal, a Espanha, a Itália, a Irlanda e Chipre. Conforme se sabe, Portugal reagiu à crise implantando severas políticas de austeridade, agravando a carga fiscal e realizando cortes nos sa-

lários da função pública. Num cenário de crescente desemprego, a emigração qualificada, em particular de uma camada jovem da população, aumentou exponencialmente. Neste contexto, parece-me inevitável interpretar a denúncia da impotência económica, social e política em tantos livros de poesia recente à luz da crise financeira e das políticas de austeridade. Eis a intuição nuclear deste ensaio, e o denominador comum dos poemas que analisarei: a poesia em tempos de crise.

Talvez seja possível encontrar na poesia recente espanhola, italiana, irlandesa ou cipriota, por exemplo, os mesmos sintomas de mal-estar. Em 2016, foi publicada em Inglaterra uma antologia de poesia grega recente, organizada por Karen van Dick, sintomaticamente intitulada *Austerity Measures*; estes poemas, traduzidos em inglês, constituem um gesto plural de protesto contra as imposições económicas europeias. Entrevistados pelo jornal *The Guardian*, os seus autores desconstroem o que entendem como ideias-feitas, a saber: que os gregos seriam preguiçosos ou corruptos, responsáveis pelo sobre-endividamento, que a crise pode ser produtiva, que as medidas de austeridade foram proporcionalmente distribuídas. Numa perspectiva crítica mais lata, é errado pensar que “todas estas medidas de austeridade foram impostas apenas com o propósito de purgar a economia”: na verdade, elas funcionam “como uma base de experiência para minar as instituições e manipular o povo”, conforme afirma o poeta Yiannis Efthymiades (*apud* Bausells & Stefanou 2016). Assim, o resultado mais profundo das medidas de austeridade já não se insere estritamente no âmbito económico, mas no enfraquecimento da própria democracia.

Na sequência desta publicação de poesia grega, penso que seria importante estudar o impacto da crise na poesia portuguesa, bem como a resposta da poesia à crise, enquanto ato de resistência. Seria preciso compreender que poetas e poetisas escrevem sobre este tema, direta ou indiretamente, a partir de quais experiências, pessoais ou alheias, e de que modo consideram a poesia capaz (ou incapaz) de intervir no respetivo contexto. A este propósito, eis alguns versos exasperados de José Miguel Silva, no livro *Últimos Poemas*: “Musa, sinceramente, vai chatear o Camões. / Que podem os poetas, diz-me, contra *marketeers*, / aguados humoristas e demais fomentadores / de pestilência moral?” (2017: 21). Talvez os poetas nada possam contra *marketeers*, bancos, o Fundo Monetário Internacional, a Troika – e contudo isto ainda é dito num poema, lugar onde se pode articular pelo menos um protesto lúcido.

Os poemas que citarei neste ensaio estão conscientes da fragilidade de qualquer denúncia, reclamação, lamento; ao mesmo tempo, não desistem de uma ironia feroz, capaz de redescrever o mundo, recusando narrativas fatalistas e conformadas. As poetisas que lerei convocam palavras, conceitos e ideias-feitas para subverter o seu sentido; inventam uma narrativa pessoal, que opõem às narrativas disfóricas de determinados discursos oficiais, políticos, televisivos; recorrem à ironia, à mordacidade, às meias-palavras, para apresentarem pequenas histórias de pequenas resistências de pequenos heróis, ou anti-heróis, pequenas heroínas, ou anti-heroínas.

Antes de avançar, algumas ressalvas metodológicas. Em primeiro lugar: conseguir um *corpus* de trabalho implica um trabalho de construção. Nem todos os poetas referem explicitamente a crise económica portuguesa. Assim, a escolha dos poemas implica alguma flexibilidade produtiva, identificando a denúncia sociopolítica em textos com diferentes graus de explicitação ou sugestão.

Em segundo lugar, um levantamento exaustivo de poemas que reflitam sobre a crise, seguido da respetiva análise, exigiria o trabalho de uma equipa alargada, em diálogo com sociólogos, economistas, politólogos. Neste breve trabalho, poderei apenas apresentar alguns poemas de algumas autoras, delineando uma pluralidade de experiências; será uma panorâmica tímida (onde só, às vezes, a parte pode valer pelo todo), ou seja, subsídios para uma compreensão da poesia enquanto resistência – mas de forma nenhuma um trabalho laboratorial exaustivo.

Último apontamento: decidi estudar apenas obras de poetisas. Seria oportuno ler autores como José Miguel Silva, que sintomaticamente já citei; mas – acaso ou sinal dos tempos? – encontrei mais reflexões sobre a austeridade em obras de mulheres do que em obras de homens, e muitas vezes mais ironia, violência, rebeldia. Num país tradicionalmente definido pelo patriarcado, pela desigualdade salarial, por desequilíbrios no acesso ao trabalho conforme o género, interessa-me observar de que modo jovens autoras equacionam questões como o desemprego ou a precariedade, e inventam uma linguagem de resistência particularmente arrojada.

Dito isto, eis o meu *corpus*: quatro exemplos, quatro linguagens, quatro poetisas.

1. SUSANA ARAÚJO, DÍVIDA SOBERANA

Susana Araújo é Professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Estudos Comparatistas, com trabalhos sobre ficção e

terrorismo, medo e fantasia, insegurança nos espaços urbanos. Em 2012, publicou o seu único livro de poesia, com um título significativo: *Dívida Soberana*. Um texto da contracapa, não assinado, termina assim:

2010 é, para a autora, um ano marcado por crises e recomeços. É o ano em que nasce o seu primeiro filho e em que o governo português apresenta o primeiro programa de “estabilidade e crescimento” (PEC1) para combater a crise de sobre-endividamento: dois eventos que, em muito, contribuem para a versão final de *Dívida Soberana*.

Colocando lado a lado história pessoal e história política, esta nota ao mesmo tempo define e apaga essa mesma fronteira: o coletivo é também singular, o “programa de estabilidade e crescimento” com que o governo socialista de José Sócrates tenta responder à crise definirá também a intimidade do sujeito. Nenhum solipsismo romântico; mas antes, desde a contracapa do livro, a consciência de que o sujeito é construído – ameaçado? – pela política.

Dívida Soberana abre com um “Prelúdio”, que cito na íntegra:

Esta é uma compilação de poemas sobre um *pays en abyme*, um país que tomba e que se dobra e desdobra, revertendo para dentro de si mesmo. Bancos e seguradoras oscilam inseguros. Muitos desmoronam-se sobre casas e terras deslizam carregando corpos e nomes próprios. A condição da língua oficial é de insolvência, devido aos efeitos do arrefecimento global. Os pronomes capitais foram privatizados. Verbos e advérbios jazem em campos de refugiados. Tu partiste, claro. O estado de Emergência não foi ainda declarado. (2012: 3)

Como no texto da contracapa, o coletivo é também o individual, num percurso que vai de um “país que tomba” a um desesperançado “Tu partiste, claro”. Ora, esta proposição do livro define a própria linguagem como vítima da crise: a língua oficial em insolvência, os pronomes privatizados, os verbos e advérbios como refugiados. A este propósito, importa ler diversos ensaios de Rosa Maria Martelo – decerto a ensaísta que mais tem estudado a poesia contemporânea quanto forma de resistência política. No artigo “Questões de vocabulário” (2013), por exemplo, observa como o universo capitalista sistematizou um léxico que considera objetivo e imprescindível, elogiando a *flexibilidade*, a *competitividade*, a *excelência*, o *empreendedorismo* ou o

consumo; segundo a autora, trata-se de uma novilíngua como aquela que George Orwell denunciava em *1984*, uma linguagem e um quadro de valores dados como naturais, inquestionáveis, logo insubstituíveis.

Se a crise económica provoca a crise da linguagem, reduzida a um discurso oficial, naturalizado pelos *media* e tido por consensual, que poder cabe aos poemas de *Dívida Soberana*, depois daquele “Prelúdio”? Se o contexto político ameaça o texto pessoal, como pode a linguagem resistir à crise? Contudo – este aviso à navegação, abrindo o livro, não será já o início de uma resistência através da linguagem? É ao afirmar que “A condição da língua oficial é de insolvência”, que se começa a inventar uma língua irónica da denúncia.

Praticamente todos os poemas do livro interrogam a crise para definir angústias pessoais, esperanças e desesperanças, a sobrevivência. O próprio léxico é significativo; logo nos títulos dos poemas encontramos expressões como “imposto sobre folha de pagamento”, “investimento”, “*spread*”, “especulação”, “austeridade”, “sustentabilidade”, “programa de estabilidade e crescimento”. Ainda que alguns destes conceitos sejam transfigurados em parábolas de emoções e vivências pessoais, o léxico assume já um carácter surpreendentemente prosaico, obrigando a considerar sempre a realidade económico-política do sujeito.

Para os efeitos deste ensaio, praticamente qualquer poema de *Dívida Soberana* seria pertinente. Lerei apenas o seguinte:

VOU INDO

Eu vou.

O espelho diz-me então
que tenho sete vidas (mais não)
e poderei regressar ainda vivo da mina
de carvão que fica na ponta oeste do
Vale da Velha União onde foi rogada a praga
da vidente em-si-mesmada que afastou para sempre
moças e mancebos da terra de seus pais para
países longínquos onde becos, esquinas, vielas
e sinuosidades escuras servem de tronos reais.

O ás de espadas fará as apresentações
da manilha de anões que, à entrada
da cave oficial do centro de desemprego,
filão empregador de jovens muito velhos,
deverei incorporar: o cordial, o amável
o estratega, o submisso, o faz-tudo
o abnegado e o mudo, muito mudo.

A bela adormecida acordou sem
beijos e já se meteu a caminho,
evitando a ordem de despejo:
para o trabalho, eu vou
eu vou, eu vou.
(2012: 39)

Reconhecemos aqui o universo dos contos infantis – ou apenas o seu dilacerado cancelamento. Os sete anões mineiros estão ameaçados de despedimento, a floresta é substituída pela emigração para “países longínquos”, as cartas de jogar de uma perdida *Wonderland* distribuem trabalhos, e mesmo a Bela Adormecida, ameaçada de despejo, renuncia a qualquer esperança erótica: acorda sozinha e vai trabalhar. Nenhuma Disneylândia pode sobreviver aqui, as narrativas da infância tornam-se pesadelos de adultos precários, condenados a um trabalho mortal – “tenho sete vidas (mais não) / e poderei regressar ainda vivo da mina” – ou à morte por ausência de trabalho. As promessas da infância desembocam num estar-à-margem do mundo: todos, do faz-tudo ao convenientemente mudo, sobrevivem pela esmola de um emprego a prazo. Estes “jovens muito velhos”, mão-de-obra barata, ainda repetem uma velha canção de trabalho, mas na borda do desespero: “eu vou / eu vou, eu vou”. Ou nem isso: remediadamente, “Vou indo”.

2. GOLGONA ANGHEL, *NADAR NA PISCINA DOS PEQUENOS*

O segundo exemplo de escrita poética que quero tratar aqui parte de uma experiência do estar-à-margem muito específica: refiro-me à narrativa de imigração que subjaz aos poemas de Golgona Anghel. Nascida na Roménia em 1979, a autora

fez na Universidade de Lisboa a licenciatura em Estudos Portugueses e Espanhóis e um doutoramento em Literatura Portuguesa Contemporânea. Publicou diversos livros de ensaios sobre a obra de Al Berto, e quatro livros de poesia, de *Crematório Sentimental* (2007) a *Nadar na Piscina dos Pequenos* (2017). Com *Como uma Flor de Plástico na Montra de um Talho*, de 2013, ganhou o Prémio Pen Clube Português de Poesia, *ex-aequo*.

Encontramos em Golgona Anghel a condição frágil de quem quer trabalhar em Portugal e depende de Autorizações de Permanência. Cito um poema do seu primeiro livro:

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

NOTIFICAÇÃO

Aos dias 23 do mês de Novembro do ano dois mil e três, nesta cidade de Lisboa, e neste Posto de Atendimento da “Penha da França” [...], eu Franz Kafka, Inspector-Adjunto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, NOTIFICO a cidadã Golgona Anghel, titular do Cartão Diplomático 484/00, de que *o sentido provável da decisão que irá recair sobre o pedido de prorrogação de Autorização de Permanência formulado em 29 de Setembro de dois mil e três, é de Indeferimento*, por se encontrar em situação enquadrável no previsto no n.º 8 alínea b) do Art.º 53.º do DL 244/98 de 08AGO, com as alterações introduzidas pelo DL 34/2003 de 25FEV (2007: 51)

Noutro local (Eiras 2017), já tive oportunidade de comentar este excerto e os efeitos de progressiva deriva surrealizante que marcam o restante poema. Agora, saliento apenas que o texto define uma nova forma de margem, pelo anúncio de uma expulsão. O êxodo não é uma escolha, mas a ameaça de uma marginalização radical.

Mas Golgona Anghel descreve outras formas de precariedade e sobrevivência. Cito agora *Nadar na Piscina dos Pequenos*:

Trinta anos a roçar a cauda
em salas de espera e caixas de supermercado.
Meses e meses a afiar o ouvido ao ritmo de um certo rumor
nos bolsos, aquele ruído de fundo
que a miséria aprendeu a trautear nos becos:
as tripas, os trocos
(2017: 51)

Eis um currículo remediado, entre tripas e trocos, fomes e soluções de compromisso. A margem, aqui, é uma condição continuada, quase uma segunda natureza, que o poema não pode resolver. Salas de espera e caixas de supermercado tornam o sujeito num animal – “Trinta anos a roçar a cauda” – reduzido à mera tentativa de sobrevivência.

A este propósito, vale a pena lembrar o que Pedro Passos Coelho afirmou em 2012, enquanto primeiro-ministro de Portugal: “Despedir-se ou ser despedido não tem de ser um estigma, tem de representar também uma oportunidade para mudar de vida, tem de representar uma livre escolha também, uma mobilidade da própria sociedade”; esta afirmação, segundo o sociólogo Elísio Estanque, “para além de exprimir a ideia distorcida de uma imaginária ‘escolha racional’, segundo a qual o destino e as condições de vida de cada um dependem apenas da vontade individual, reflete também uma visão imediatista e a-histórica da realidade” (2013: 82). O poema de Golgona Anghel recupera precisamente essa leitura histórica, social, contextualizadora, descrevendo um quotidiano no fio da navalha. O desemprego, o emprego precário não são escolhas nem oportunidades, mas uma consequência – catastrófica – de políticas que criam margens.

Leio um último poema de *Nadar na Piscina dos Pequenos*:

Desde a varanda que dá para o jardim das glicínias,
vêm-se muitas coisas
e as traseiras de um matadouro.
De tempos a tempos,
há movimentos de máquinas,
ruídos abafados.
Atrás dos muros brancos, pintados de fresco,
vitelos e carrascos
formam um coro incerto de bocas encerradas.
Quase como em *Madame Butterfly*,
mas com menos Puccini e mais facas eléctricas.

Imagino o batucar das canelas,
o fedor quente dos bichos
encarquilhados na própria carcaça
como num antro.

Lembro-me de *Le boucher* de Chabrol:
 “le sang des hommes et le sang des bêtes
 ont la même odeur”.

Vejo-me a mim, na fila das finanças,
 um naco de carne agarrado a um recibo verde.

Estado: fora de prazo.

Origem: descontrolada.

(2017: 46)

O poema multiplica estratégias: faz contrastar glicínias e matadouros, descreve e interpreta, introduz uma referência erudita ao “coro a bocca chiusa” da ópera de Puccini ou a um filme de Claude Chabrol, antes de regressar ao horror: “o batucar das canelas, / o fedor quente dos bichos / encarquilhados na própria carcaça”. Mas todos estes recursos estão ao serviço de um salto parabólico final, atestado radical de marginalidade: “Vejo-me a mim, na fila das finanças, / um naco de carne agarrado a um recibo verde”. Nenhuma diferença entre os animais no matadouro e o sujeito, carne morta na repartição de finanças: a mesma condenação à vida incerta e à morte lenta. Os recibos verdes atestam o carácter precário do trabalho, a fragilidade da biografia. E, para completar a parábola, o rótulo implacável sobre a carne do sujeito: “Estado: fora de prazo. / Origem: descontrolada” – imigrante suspeita, já demasiado envelhecida, demasiado tardia.

3. MARGARIDA VALE DE GATO, *LANÇAMENTO*

Um poema não é menos interventivo por ser disfórico: o desespero é uma forma de fúria, e a confissão de que se está na margem não significa forçosamente uma conformação à margem.

Vejamus um terceiro exemplo. Margarida Vale de Gato nasceu em 1973, em Vendas Novas; é professora na Universidade de Lisboa, investigadora no Centro de Estudos Anglisticos, tradutora para português de numerosos autores (Poe, Wilde, Yeats, Michaux e René Char, etc.). Em 2009 publicou o livro de poemas *Mulher ao Mar*, reeditado e aumentado sob os títulos *Mulher ao Mar Retorna* (2013) e *Mulher ao Mar e Grinalda* (2018). Em 2016 publicou o segundo livro de poesia, chamado *Lançamento*.

Neste último, eis como se apresenta o sujeito lírico:

Eu erro no olhar receio às vezes

[...]

Portanto sirvo mal, sou outra, fora
do baralho, turista aqui em tanto

do que me dá prazer e algum trabalho

(2016: s/p)

Lendo o poema na íntegra, percebemos que desta vez o estar “fora / do baralho” tem menos a ver com economia ou política do que com um enfrentamento da escrita: o sujeito – a poetisa – define-se à margem da instituição da poesia. Contra o poder da instituição, diz-se errante; contra a solenidade, turista; mas a errância transforma-se em acerto, aquele “sirvo mal” é menos um estigma social do que uma possibilidade de resistência à normalização do mundo. A escrita pode então redefinir os valores, transformar o estigma de “servir mal” em orgulho de não pactuar, converter a margem “fora / do baralho” em reinvenção de si. Eis uma tarefa para os nossos tempos: a redefinição dos conceitos, a opção por uma literatura que “serve mal”, uma literatura menor, aquela em que, como dizem Gilles Deleuze e Félix Guattari (2003), tudo é coletivo e politizado.

Em 2012, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa realizou um inquérito, perguntando a poetas portuguesas: “A poesia é uma forma de resistência? Sempre, por definição? Ou apenas em determinados contextos – sociais, políticos, culturais? Como pode resistir a poesia e a quê?”. Margarida Vale de Gato respondeu com um poema, depois revisto e incluído no livro *Lançamento*, de onde o cito:

Mais tempo gasto, admito, a passar

mal por relativo amor e altivez

do que a fazer política

e prezo sobre o consenso

o rasgo original.

demo-crítica:
tísica herança do burguês
de génio que nega ser geral
o raio que trilhou seu ideal
e deixa que o isente a lucidez
da rota rigorosa da unidade
além da sua esfera. Mais consola

levantar os óculos à verdade,
suspensa ao clamor mudo lá do fim
da literatura onde não rola nada
excepto, além das massas, o sublime.

Precário verso se
o gesto não
redime para só
na frouxa linha acima
dos meus ombros
onde ruo assolidária
sem assombros.
(2016: s/p)

A perguntas como “A poesia é uma forma de resistência?”, Margarida Vale de Gato responde com uma autocrítica: “Mais tempo gasto, admito, a passar / mal [...] / do que a fazer política”. Se a poesia deve ser resistência ao mundo, se a poesia deve “fazer política”, este autorretrato assume, com remorso, a insuficiência da ação coletiva, a cedência ao lamento subjetivo. Instigante análise da literatura, dividida entre o poema feito por todos (Lautréamont) e o “rasgo original”, o génio individual, a tradição burguesa, a escrita do sublime: Margarida Vale de Gato denuncia a “demo-crítica” e a sua própria cedência ao “raio que trilhou seu ideal” e ao “fim / da literatura”. Por isso, o poema inclui uma arte poética, que é também uma (auto)crítica e uma definição das relações entre escrita e mundo, poesia e política: “Precário verso se / o gesto não / redime”, “Precário verso se / [...] ruo assolidária”.

As margens denunciadas por Susana Araújo e Golgona Anghel eram involuntárias e trágicas. A autocrítica em Margarida Vale de Gato, ao invés, denuncia a tentativa de uma margem interior, subjetiva – mas também diz como se pode recusar esse impasse da linguagem. O poema, tal como foi publicado no inquérito do Instituto de Literatura Comparada, incluía uma última estrofe capaz de reinventar as comunidades:

Agora, se descerem os médios
 à rua e os verdadeiros pobres a gente
 atenta e recíproca a encher de pulmões ar
 canto atrito resistência e translação,
 a derrubar ditas classes consumo e capital,
 o cómodo sem afecto, a sôfrega avidez pateta,
 e o que a todos sobre os ombros nos carrega,
 aí então, além de sublime e ser poeta,
 talvez mais do que busque eu dê entrega.

4. RAQUEL NOBRE GUERRA, *SENHOR ROUBADO*

É possível, então, reinventar uma comunidade, desfazendo a margem da solidão poética. Mas também é possível, e urgente, recusar as narrativas comuns impostas, reivindicando uma margem pessoal, crítica, corrosiva, uma não-pertença aos discursos oficiais. O poema torna-se, então, resistência a lugares-comuns.

Vejamos um último exemplo. Nascida em Lisboa em 1979, Raquel Nobre Guerra tem uma licenciatura em Filosofia, um mestrado em Estética, um doutoramento em Literatura Portuguesa; é investigadora do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa. Com o livro de poesia *Groto Sato* (2012) ganhou o Prémio Primeira Obra do Pen Clube Português. Publicou ainda *Saudação a Álvaro de Campos* (2013), *Quarto 28: sms de amor e ódio* (2013), e *Senhor Roubado* (2016), livro também editado no Brasil.

Para recusar narrativas impostas e lugares-comuns, é preciso começar por citá-los; decerto por isso Raquel Nobre Guerra abre um poema de *Senhor Roubado* repetindo – e contestando – palavras de Albert Camus: “É evidente que nos mentem quando põem por escrito / que é preciso imaginar Sísifo feliz” (2016: s/p). O poema

começa onde *Le Mythe de Sisyphe* termina. Ora, a célebre injunção *Il faut imaginer Sisyphe heureux* decerto significava, em 1942, uma aceitação plena da existência, a liberdade e a responsabilidade mesmo sob as terríveis condições impostas pelo mundo. Sísifo podia ser o resistente que se opõe aos deuses (ou aos monstros), aquele que preserva uma ação livre, a felicidade em tempos de desespero. No mundo de *Senhor Roubado*, pelo contrário, a felicidade pronta-a-usar tornou-se obrigação generalizada, lei do mercado hedonista, existencialismo esvaziado. A contemporaneidade exige “Que valha a pena andar aqui com o propósito / de ter ponta por se estar vivo ainda que falido” (*ibidem*); e se o contemporâneo é quem está “de tal forma comprometido com a sua época / que lhe resta apenas ser ridículo e mentir” (*ibidem*), a poesia de Raquel Nobre Guerra procura uma não-contemporaneidade, uma margem pessoal construída sobre citações de textos, antigos ou recentes, acolhidos ou subvertidos: procura, dentro do contemporâneo, uma linguagem extemporânea.

Veja-se outro poema de *Senhor Roubado*:

Foi então que me perguntaram para que serve a poesia.
 Para atrair as traças. Não soube dizer.
 Quiseram fazer-me o horóscopo:
Gostava tanto de mexer na vida.

E se não fosse uma poeta, perguntaram,
 seria o quê? Abri um livro ao calhas –
 atleta, estafeta, hospedeira, jogadora compulsiva
 de tudo o que me livre da contabilidade.

E um bom poema? Uma banana a apodrecer numa fruteira.
 E o que a comove? Uma banana a apodrecer numa fruteira.
 (Não se trata de metafísica de espécie nenhuma,
 as nódoas negras sempre me causaram fraqueza.)

Quiseram até saber da minha vontade
 o que ficaria escrito no meu epitáfio.
 E do que mandaria a um político.

Mas agora o que penso, o que quero é largar o moribundo
é o que o predador apaixonado pela caça deve querer.

Venham brincar comigo,
para já para já
fica escrito.
(2016: s/p)

A unidade do poema explode numa multiplicidade de textos citados e desconstruídos. O ponto de partida parece ser um inquérito ou entrevista, incluindo questões como: *para que serve a poesia?, o que é um bom poema?, o que a comove?* Se a leitura da poesia fica sempre protegida pelo incontornável fingimento pessoano, os inquéritos da indústria cultural, sondando predileções e opiniões, tentam definir uma presença imediata dos autores empíricos. Ora, este poema sugere antes uma fuga. As respostas dadas ao inquérito são agora corrigidas; a autora afirma que na altura “Não soube dizer” que a poesia serve “Para atrair as traças” – resposta mais certa, revelando a poesia no seu carácter inútil, absurdo, não-comercializável. Quanto à pergunta sobre o horóscopo, sugere-se que a autora respondeu (ou teria querido responder) com um verso de Mário de Sá-Carneiro (2001): “*Gostava tanto de mexer na vida*”. De novo, assume-se um desajuste perante o mundo, uma extemporaneidade: *gostava de mexer na vida, gostaria de mexer na vida, mas não sei, não posso mexer na vida*. Contra os inquéritos ou entrevistas como lugar de publicidade e poder, as respostas revelam um despojamento irónico.

Quanto à pergunta “E se não fosse uma poeta [...], / seria o quê?”, a resposta é de um improviso *dadá*: “Abri um livro ao calhas – / atleta, estafeta, hospedeira, jogadora compulsiva / de tudo o que me livre da contabilidade”. Não se leva “a sério” o inquérito, não se revela a verdade íntima da escritora empírica e mercantilizável, responde-se à pergunta invasiva com uma resposta aleatória. Mas ressalva-se: nada de contabilidades, mercados, o mundo das entrevistas.

Não custa imaginar que Raquel Nobre Guerra tenha mesmo respondido a um inquérito. Mas este poema mostra o avesso desse gesto, corrige e rasura o texto através de um novo texto, deixa incerto o que aconteceu, o que deveria ter acontecido. Inventa-se uma margem, ou seja, o orgulho de uma não-pertença.

*

Que posso concluir deste breve *corpus* de quatro poetisas, *corpus* tão breve e ao mesmo tempo já tão plural?

Que há margens impostas e margens desejadas, margens como forma de ostracismo e margens como solução de resistência. Por vezes, é preciso resistir à marginalização, reivindicar a pertença a um país ou o direito de habitar nele – como em Golgona Anghel; outras vezes, é preciso construir um comportamento marginal, recusando a indústria cultural, o mercado do livro – como em Raquel Nobre Guerra. Mais do que contraditórios, ambos os gestos permitem definir o lugar daqueles e daquelas que se movem entre os discursos e as economias.

Assim, estas quatro poetisas inventam caminhos díspares. Para denunciarem a mesma crise, enfrentam o prosaísmo de trocos e supermercados, recriam contos populares, delineiam parábolas; questionam a imigração, a invenção das comunidades; satirizam, denunciam, mas também se entregam a uma lúcida autocrítica; e convocam, ironicamente, uma galeria de figuras marginais – o animal no matadouro, os anões da Branca de Neve, precários *alter-egos*. Embora só algumas das autoras refiram explicitamente a crise portuguesa após 2008, todas descrevem um mundo fragmentado: um mundo – na expressão de Noam Chomsky – dividido “entre uma plutonomia e um precariado – [...] segundo a imagem do movimento Occupy, entre os 1% e os 99%” (2013: 33). Ora, embora 99% sejam uma larga maioria matemática, não deixam de constituir uma subjugada margem económica. E contudo estas poetas lutam corajosamente contra essa marginalização.

Termino, lembrando o inquérito “Poesia e resistência”, que referi mais atrás. A perguntas como “A poesia é uma forma de resistência?” ou “Como pode resistir a poesia e a quê?”, José Miguel Silva responde:

um poeta não pode deixar de declarar guerra a todo o género de clichés: verbais, desde logo, mas também políticos, filosóficos, psicológicos, etc. Mas sem nunca perder de vista que, numa era de comunicação de massas, essa sua guerra é tão desigual, e portanto tão caricata, como a guerra que uma sardinha (zangada) decidiu mover a um petroleiro (de aço). (2012: s/p)

O mundo é feroz, e decerto José Miguel Silva tem razão. Porém, confesso que estou a torcer furiosamente pela sardinha.

REFERÊNCIAS

- ANGHEL, Golgona (2007): *Crematório Sentimental. Guia de bem-querer*. Famalicão: Quasi.
- (2013): *Como uma Flor de Plástico na Montra de um Talho*. Porto: Assírio & Alvim.
- (2017): *Nadar na Piscina dos Pequenos*. Porto: Assírio & Alvim.
- ARAÚJO, Susana (2012): *Dívida Soberana*. Lisboa: Mariposa Azul.
- BAUSELLS, Marta, & STEFANO, Eleni (2016): “Meet the Greek writers revolutionising poetry in the age of austerity”. In: *The Guardian*, 11 de março de 2016. Internet. Disponível em www.theguardian.com/books/2016/may/11/meet-the-greek-writers-revolutionising-poetry-austerity (consultado em 12 de abril de 2018).
- CHOMSKY, Noam (2013): *Occupy*. Lisboa: Antígona.
- DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Félix (2003): *Kafka. Para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- EIRAS, Pedro (2017): “Na cidade de Golgona Anghel”. In: *Relâmpago* 39/40, Fundação Luís Miguel Nava: 65-76.
- ESTANQUE, Elísio (2013): “O desemprego é uma oportunidade?”. In: AA.VV., *Não Acredite em Tudo o que Pensa. Mitos do senso comum na era da austeridade*. Lisboa: Tinta-da-China: 73-84.
- GATO, Margarida Vale de (2016): *Lançamento*. S/l: Douda Correria.
- (s/d): resposta ao inquérito “Poesia e resistência”, org. Joana Matos Frias, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo. Internet. Disponível em <http://ilcml.com/blog/inquerito-poesia-e-resistencia-portugal/> (consultado em 22 de abril de 2018).
- GUERRA, Raquel Nobre (2016): *Senhor Roubado*. S/l, Douda Correria.
- MARTELO, Rosa Maria (2013): “Questões de vocabulário”. In: *Cão Celeste* 4: 5-13.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2001): “Crise lamentável”. In: *Poemas Completos. 2.ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim: 127-128*.
- SILVA, José Miguel (2017): *Últimos Poemas*. Lisboa: Averno.
- (s/d): resposta ao inquérito “Poesia e resistência”, org. Joana Matos Frias, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo. Internet. Disponível em <http://ilcml.com/blog/inquerito-poesia-e-resistencia-portugal/> (consultado em 22 de abril de 2018).

*

Este ensaio foi desenvolvido e financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico “UID/ELT/00500/2013” e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE “POCI-01-0145-FEDER-007339”.

